

ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO BULLYING

Theoretical Analysis on the Historical Evolution of
the Bullying Phenomenon

Ludimila de Souza Santos Borges

RESUMO

Este trabalho visa expor os resultados teóricos da monografia “Bullying Escolar: uma violência física e psicológica”, desenvolvida no curso de Pedagogia da Faculdade Uniminas de Uberlândia (MG). Portanto, o nosso objetivo é apresentar a evolução histórica do fenômeno Bullying, construído durante a elaboração do trabalho final de graduação, que nos permitiu entender esse complexo fenômeno contemporâneo. O método utilizado é o analítico, com o foco sedimentado no levantamento bibliográfico realizado durante a construção do trabalho monográfico. Trazendo autores que buscam construir e apresentar o processo evolutivo da temática Bullying, abordagem importante nos diversos níveis escolares e diferentes áreas do saber: pedagogia, psicologia e história, entre outras.

Palavras-Chave: Bullying Escolar. Fenômeno Contemporâneo. Diferentes Áreas do Saber.

ABSTRACT

This work aims to expose the theoretical results of the monograph "Bullying at School: a physical and psychological violence," developed in the course of pedagogy of Uniminas (Uberlândia, MG). Therefore, our goal is to present the historical evolution of the phenomenon of Bullying, built during the final graduation work, which allowed us to understand this complex phenomenon. The method used is the analytic, with the focus on bibliographical sedimented held during construction of monographic work. Bringing authors who seek to build and present the evolutionary process of thematic Bullying, important approach in the various school levels and different areas of knowledge: pedagogy, psychology and history, among others.

Key-words: Bullying at School. Contemporary Phenomenon. Different areas of Knowledge.

INTRODUÇÃO

Bullying é uma palavra de origem inglesa, e em muitos países é usada para definir um desejo consciente e deliberado de maltratar e/ou deixar sob tensão uma pessoa (FANTE, 2005, p.25).

O fenômeno bullying, é um tipo de violência difícil de ser diagnosticado e pode ser facilmente confundido com brincadeiras típicas da idade se profissionais das diversas áreas da educação (Pedagogos, Geógrafos, Historiadores, etc) não tiverem preparados para esta realidade. Este assunto, ainda pouco tratado pela sociedade brasileira rende muitas notícias no mundo inteiro, como foi o caso de 45 mortos e dezenas de feridos em 37 tiroteios ocorridos em Columbine e Virgínia Tech - EUA. E em alguns países como: Portugal, Espanha, Canadá e EUA já são tratados como assunto de segurança e saúde pública.

Atualmente o termo inglês bullying, já é empregado em países onde o fenômeno é estudado, entretanto, outras nomenclaturas são adotadas como: Mobbing, na Suécia e na Finlândia; Hercèlement Quotidien, na França; Prepotenza ou Bullismo, na Itália; yjime, no Japão; Agressionen Unter Shulern, na Alemanha; Acoso e Amenaza, na Espanha; Intimidación (FANTE & PEDRA, 2008).

A violência escolar é um problema universal e não faz distinção étnica, na sociedade, jovens entre 10 e 21 anos retratam a faixa etária mais envolvida em fenômenos bullying. Esses comportamentos agressivos, tidos como anti-sociais vão desde conflitos interpessoais, danos ao patrimônio a atos criminosos.

As pesquisas sobre bullying são recentes e ganharam destaque a partir dos anos 1990, principalmente com Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994; Ross, 1996; Rigby, 1996. Estudos indicam que a prevalência de estudantes vitimizados varia de 8 a 46%, e de agressores, de 5 a 30% (NETO, 2005).

Sabe-se que a escola é um lugar onde crianças e jovens convivem socialmente a maior parte do seu tempo e também representa o ambiente de grande importância, por fazerem parte de um mesmo grupo. Além de compor um espaço de integração, socialização, relacionamentos interpessoais e

desenvolvimento acadêmico. Não obstante, as escolas têm apresentado cenários cada vez mais temerosos, em que a segurança, a saúde física e psicológica de todo o corpo escolar vem sofrendo sinais de fragilidade. É sabido também que comportamentos típicos da idade como “zoeiras” e brincadeiras inusitadas fazem do ambiente escolar mais atrativo.

Outrossim, são comportamentos abusivos, cruéis, insensatos que levam ao constrangimento e extrapolam o limite de tolerância do indivíduo. Quando atos engraçados deixam de sê-lo e passam a levar sujeitos à vergonha, exposição física e moral, que lhes impossibilita defesa própria e causam desconforto e rebaixamento, já se torna um ato de violência.

Este trabalho visa expor os resultados teóricos da monografia “Bullying Escolar: uma violência física e psicológica”. Portanto, o nosso objetivo é apresentar a evolução histórica do fenômeno Bullying, construído durante a elaboração do trabalho final de graduação, que nos permitiu entender esse complexo fenômeno contemporâneo.

Caminhos de Construção do Trabalho

O método utilizado é o analítico, com o foco sedimentado no levantamento bibliográfico realizado durante a construção do trabalho monográfico. Trazendo autores que buscam construir e apresentar o processo evolutivo da temática Bullying, abordagem importante nos diversos níveis escolares e diferentes áreas do saber: pedagogia, psicologia e história, entre outras.

Discussões Teóricas Sobre a Evolução Histórica do Fenômeno Bullying

Os primeiros estudos sobre bullying iniciaram em 1970 na Suécia e Dinamarca, em 1978 ganha força com o professor Norueguês Dan Olweus (FANTE, 2005), na Universidade de Bergen-Noruega, que investigava sobre tendências suicidas entre adolescentes, agressores e possíveis vítimas. Muito embora essa pesquisa não interessasse às instituições locais, Olweus descobriu que a maioria dos jovens sofria de algum tipo de ameaça e que por isso caracterizava-se um motivo eminente a ser combatido.

Apesar de não existir um termo oficial para este mal recentemente descoberto, foi considerado por alguns psicólogos já na década de 1990 quando se apresentaram as primeiras pesquisas, de “Vitimização” ou “Maus-tratos entre pares”, por se tratar de um fenômeno de grupo ou classes entre iguais, como é o caso dos estudantes. Dan Olweus (1978) entrevistou cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre vários períodos de ensino. Quando na década de 1980 três rapazes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio e as instituições educacionais começaram desde então a creditar foco ao fenômeno descoberto por Olweus.

Em 1993, surgiram em várias escolas Norueguesas uma campanha nacional Anti-Bullying baseada no diagnóstico oficial sobre o bullying por Dan Olweus e Roland em 1989, onde puderam relatar que a cada 7 alunos 1 sofria a violência. Olweus desenvolveu um questionário onde propunha 25 questões de múltipla escolha, na intenção de avaliar a gravidade e extensão do problema.

O questionário revelava informações como frequência dos acontecimentos, tipos de agressões, locais de maior risco, característica de agressores e percepção quanto ao número de agressores. A partir destes resultados foi possível praticar intervenções com maior sucesso reduzindo em 50% os casos de bullying nas escolas. O questionário objetivava a compreensão e conscientização da população sobre o assunto, desmistificando interpretações errôneas, conquistando a participação efetiva de pais e docentes e desenvolvendo regras claras de combate ao fenômeno em proteção e apoio à vítimas.

Na mesma época em que foram lançadas as campanhas, também foi publicado por Alweus o livro “Bullying at school”, apresentando o problema e resultados. Esta obra ganhou apoio do Governo Norueguês e repercutiu no Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivando e alertando diversas culturas quanto ao perigo iminente instalado na comunidade escolar.

Partindo desta descoberta e iniciativa, outros programas Anti-Bullying foram desenvolvidos, todos respeitando os casos individuais de suas instituições e realidade cultural como: The DES Sheffield Bullying Project-UK, a Campanha

Anti-Bullying nas Escolas Portuguesas e o Programa de Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros no Brasil como: Programa Anti-Bullying Educar para a Paz em Brasília/DF desenvolvido e coordenado pelo Instituto CEMEOBES (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Fenômeno Bullying Escolar), e o Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes desenvolvido pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) do Rio de Janeiro, e também o Projeto Diga Não ao Bullying, o qual recebeu o “Prêmio Direitos Humanos / 2008, desenvolvido e coordenado pela ONG Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário, em Porto Alegre/RS.

O que se sabe é que em relação à Europa, no que se refere aos estudos e tratamento desse comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso. (FANTE, 2005, p.46). Segundo Fante (2005), estudiosa do fenômeno bullying, conclui sobre a tese do professor Dan Olweus, que comportamentos agressivos, hostis e de mau gosto são comuns à idade escolar, até porque faz parte do amadurecimento humano experimentar ações passivas de acerto.

Logo situações que registram diversão, autoafirmação e até mesmo relações de força entre alunos podem ser consideradas normais. Outrossim, há casos em que pode-se apresentar no ambiente escolar um ou vários perfis agressores, que com seu temperamento irritadiço e provocador constrange e incomoda os demais, causando adversidades e frustrações.

Mesmo dentro de uma sociedade multicultural e globalizada existem valores que são considerados basilares ao convívio harmonioso, principalmente em ambientes escolares, onde elevados índices de violência vêm interferindo no rendimento de alunos e de docentes (HOFFE, 2004). Mais espantoso ainda é acreditar que mesmo diante de tantos estudos realizados e aplicados dentro de instituições formais de educação ainda possa acontecer sucessivos casos extremos de bullying.

Em Jonesboro-EUA (1997), na escola Westside Middale o aluno Mitchell Johnson de 13 anos, matou 4 alunos e um professor durante um falso alarme contra incêndio. No dia 21 de Março de 1998, Kipland Philipp Kinkel de 15 anos

aluno da escola Thurston na cidade de Springfiel-EUA matou 2 estudantes e feriu mais 25 alunos com um rifle semi-automático. Já em Columbine, Colorado-EUA um dos casos conhecido mundialmente por registrar um dos maiores massacres em escola, dois alunos mataram 13 pessoas e em seguida suicidaram. Seung-Hui Cho, estudante da Universidade Técnica da Virgínia-EUA em 2007, matou 32 pessoas entre professores e alunos suicidando em seguida.

Outros casos bárbaros e extremos de bullying como estes são registrados com uma frequência espantosa. Tragédias e instituições escolares são expressões cada vez mais frequentes em matérias de jornal e revistas. Negligências do passado como trotes universitários, humilhantes e perigosos atingem a mídia quando já se tornaram barbáries. Esses ritos de passagem, como assim são considerados, já vitimaram muitos estudantes, tendo como primeiro registro um aluno do curso de Direito, morto em Recife 1891 (FANTE & PEDRA, 2008). Sob alegação de brincadeiras, a tortura psicológica e o abuso de poder podem prosseguir alguns alunos até o fim dos estudos e com potencial extensão à vida profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying não está restrito aos muros da escola, o ambiente de trabalho também pode apresentar muitos bullies. E nesses espaços onde frequentemente pode-se encontrar situações características do assédio moral, leva profissionais também a desenvolver problemas de saúde mental. O rendimento profissional é o primeiro a apresentar sinais de alerta para algo que não caminha bem, em seguida a autoestima torna-se motivo de absenteísmo o que também acompanha às licenças médicas.

Em alguns casos há o abandono do emprego, pedidos de demissão, ocasionados por alto grau de stress, depressão e até mesmo suicídio. Na insegurança de exporem seus desabafos, vítimas se tornam reclusas, trancadas no silêncio e sofrimento. A ausência de expressão é movida pelo

medo de tornar ainda mais frequente e cruel as agressões, bem como a incompreensão e falta de apoio dos adultos. O temor pelas reações da sociedade familiar e escolar que muitas vezes culpam-nos e incentivam o revide contribuem para o silêncio gelado do sofrimento.

REFERÊNCIAS

BORGES, Ludimila de S. S. BULLYING ESCOLAR: UMA VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA. 2009. 93 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Pedagogia, Faculdade UNIMINAS/Uberlândia (Minas Gerais), 2009.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed. rev. e amp. Campinas - SP: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre - RS: Artmed, 2008.

HOFFE, Otfried. Valores em instituições democráticas de ensino. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13 jul. 2008.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro - RJ: s.n. 2005.

OBSERVATÓRIO LA de Violências nas TICs. DF: Índice de violência aumenta no ambiente escolar. Disponível em: http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=4811&Itemid=210. Acesso em: 10 jul. 2009.

OLWEUS, D. Bullying at school. Cambridge: Blackwell, 1993.

Rigby, K. (1996). Bullying in schools: And what to do about it. London: Jessica Kingsley Publishers.

Ross, D. (1996). Childhood bullying and teasing: What school personnel, other professionals, and parents can do. Alexandria, VA: American Counseling Association.

SMITH, P. K.; SHARP, S. School bullying: insights and perspectives. London: Routledge, 1994.

VEJA mais casos de violência em instituições de ensino. Globo.com. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1037997-5602,00.html>. Acesso em: 13 jul. 2009.

AUTORA

Ludimila de Souza Santos Borges é graduada em Pedagogia – Gestão e Tecnologia Educacional – pela Faculdade UNIMINAS (União Educacional de Minas Gerais). ludimilab@yahoo.com.br